

Psicologia comunitária e promoção da saúde: experiências de ensino e formação em psicologia social no SPA/UFJ

Rita de Cássia Andrade Martins¹
Ana Danielly Fernandes da Silva²
Izabela Assis Rocha³

Resumo

O artigo relata a experiência de ensino e formação profissional em psicologia social comunitária (PSC) desenvolvida junto Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Jataí (SPA/UFJ). No decorrer do relato são problematizadas questões acerca da universidade enquanto comunidade que reproduz desigualdades e opressões sociais e o quanto esse contexto incide em adoecimento psíquico dessa comunidade. Afirma a promoção de saúde como campo profícuo que precisa compor de forma mais sistemática a formação em psicologia, redirecionando a formação centrada na doença para uma formação mais plural e integral em saúde mental. O artigo pontua a importância do ensino e da formação profissional a partir de uma perspectiva libertadora, crítica e participativa, conforme referenciais teórico-metodológicos da psicologia comunitária, ainda no início dos cursos de psicologia. E, por fim, propõe o reposicionamento dos serviços-escola como espaços restritos a prática clínica convencional, para serviços comunitários alinhados aos campos das saúdes pública e coletiva.

Palavras-chave: Psicologia Social Comunitária. Promoção de Saúde. Serviços-escola.

Communitarian psychology and health promotion: teaching and training experiences in social psychology at APS/FUJ

Abstract

The article reports the experience of teaching and professional formation in communitarian social psychology (CSP) developed together with the Applied Psychology Service of the Federal University of Jataí (APS / FUJ). In the course of the report, questions about the university as a community that reproduces social inequalities and oppression and how this context affects this community's psychological illness are problematized. It affirms health promotion as a fruitful field that needs to compose more systematically the formation in psychology, redirecting the training centered on the disease to a more plural and comprehensive training in mental health. The article points out the importance of education and professional formation from a liberating, critical and participatory perspective, according to theoretical and methodological references of communitarian psychology, not yet the beginning of psychology courses. And, finally, it proposes the repositioning of school services as spaces restricted to agreed clinical practice, for specific services eliminated in the fields of public and collective health.

Key-words: Communitarian Social Psychology. Health Promotion. School services.

¹Doutora em Sociologia pela UnB, Professora da Universidade Federal de Jataí/UFJ, Jataí-GO, rita_martins@ufg.br.

² Psicóloga especialista em Gestal-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestal-terapia de Goiânia-GO, Coordenadora e responsável técnica pelo Serviço de Psicologia Aplicada da UFJ, Universidade Federal de Jataí/UFJ, Jataí-GO, ana_danielly_fernandes@ufg.br.

³Mestranda em Psicologia pelo PPGP/UFJ, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, izabela.assis@discente.ufg.br.

1. INTRODUÇÃO

Os serviços de psicologia aplicada são espaços de formação profissional vinculados aos cursos de psicologia. A palavra aplicada indica que é uma instituição voltada à prática, sendo assim, está relacionada ao ensino e à formação das/os profissionais de psicologia. Nestes serviços o processo de ensino/aprendizagem se dá no cotidiano da prática, sob supervisão de profissionais já formados e da/o responsável técnica/o do serviço.

Até 2014, estes serviços eram denominados clínicas-escola, numa associação direta com a prática clínica, comumente confundida com os atendimentos psicológicos individuais feitos em consultório. Com o crescimento do número de profissionais de psicologia no campo das políticas públicas, a clínica em seus moldes convencionais tem sido questionada e revista no esforço de se aproximar cada vez mais de uma prática mais cidadã e comprometida socialmente. Esse movimento crítico dentro da psicologia vem de longe e foi inaugurado por psicólogas/os sociais que reivindicavam, ainda na década de 1970, uma psicologia mais alinhada aos contextos sociais, políticos e econômicos da América Latina.

O artigo relata experiência de formação e ensino em psicologia social comunitária e saúde, por meio de extensão e estágio na ênfase de psicologia e processos psicossociais, junto ao SPA/UFJ. O relato problematiza o imaginário da psicologia como ciência e profissão restrita a uma dimensão clínica convencional, bem como a psicologia como profissão associada ao cuidado de quem sofre e desassociada à promoção da saúde. A experiência mostra que os serviços de psicologia aplicada são espaços de formação profissional plural em psicologia, inclusive num viés comunitário e coletivista, entendendo estes serviços como instituições públicas de saúde. O artigo registra experiências tecidas a várias mãos, no encontro entre professora, supervisora, estudantes e comunidade.

2. PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA, PROMOÇÃO DE SAÚDE E METODOLOGIA PARTICIPATIVA

A Psicologia Comunitária emerge justamente naquele período citado na introdução deste texto, em que há um levante de resistência frente a práticas psicológicas nos moldes individualistas e alinhadas com as expectativas do mercado (FREITAS, 2016). Desde suas origens, a Psicologia Comunitária tem se posicionado como um campo crítico dentro da psicologia, no que diz respeito à reprodução de epistemologias que se distanciam dos saberes e práticas produzidos nos contextos latino-americanos e o consequente enquadramento de

nostros múltiplos contextos e culturas a essas epistemologias (GUZZO, 2016). Neste rumo, a Psicologia Comunitária se coloca frente as desigualdades socioeconômicas que se estruturam com base no racismo, no capitalismo e no patriarcado racial⁴. O contexto latino-americano reúne diferentes culturas, línguas, formas de viver, valores e crenças, que tem em comum a marca do colonialismo e da escravidão, que nos deixou como herança o trauma da submissão de nossos povos originais e seu conseqüente epistemicídio, ou seja, o extermínio das formas de produção e transmissão de conhecimento dessa ancestralidade.

Tendo epistemologias não hegemônicas como referências teórico-práticas, a Psicologia Comunitária tem sido guiada por princípios ético-políticos que priorizam relações horizontais entre as/os profissionais da psicologia e a comunidade, partindo da compreensão de que a relação se dá entre sujeitos e não entre sujeito e objeto. Como nos recomenda Freitas (1998), faz-se psicologia com a comunidade e não na comunidade. A construção e a autoria do conhecimento produzido é coletiva, na medida em que é tecida no encontro entre os saberes acadêmicos e populares e nos desdobramentos desse encontro (MONTEIRO, 2000).

No que diz respeito ao método, a Psicologia Comunitária parte de um enfoque qualitativo, que se aproxima da pesquisa-ação e das técnicas de observação participante, entrevistas e grupos focais (FREITAS, 1998; 2015). A metodologia participativa, de inspiração freireana, está no cerne de sua prática, desde a organização do trabalho, passando pelo planejamento, execução e sistematização⁵ dos processos coletivos (FREITAS, 1998; 2012). O método é democratizado e na prática comunitária se torna mais rico e criativo na troca e no contato entre os saberes populares e acadêmicos. De acordo com Martin-Baró (1996), a Psicologia, enquanto prática e profissão, deve ser desenvolvida segundo as necessidades concretas de seu campo de atuação, o chamado *quefazer* psicológico. A psicóloga (ou psicólogo) deve, portanto, partir primeiro de uma reflexão acerca da realidade na qual se encontra, para que, posteriormente, possa trabalhar junto a ela. Nessa perspectiva, se prioriza os sujeitos, seu contexto social e material, pois é, a partir desses elementos, que são possíveis as transformações sociais.

4 A perspectiva interseccional é referência teórico-metodológica neste trabalho e será apresentada mais adiante nesta seção. Por isso o uso da expressão patriarcado racial, que integra à opressão patriarcal o marcador racial, compreendendo que homens negros não tem acesso as mesmas relações hierárquicas garantidas pelo patriarcado que os homens brancos (KILOMBA; 2019, p.105).

5 Para o método da sistematização, utilizamos como referência Holliday (2006).

No cotidiano deste *quefazer* o processo é tão mais rico que qualquer produto deste encontro coletivo. Sobre o processo, o que Paulo Freire chamou de conscientização, torna-se a tônica. Para Freire (1979), a conscientização é um processo que desvela aos poucos os mitos e enganos que nos impedem de olhar de forma crítica para a realidade imposta pelos interesses e estruturas dominantes. Conforme pontua Ximenes (2012), a conscientização transborda o campo da cognoscência, se localiza no âmbito do político e está associada a processos de transformação social.

A Psicologia Social Comunitária se aproxima da área de Promoção da Saúde a partir da Educação Popular em Saúde (EPS), campo da Saúde Coletiva que compartilha de muitos de seus princípios. Até meados da segunda metade da década de 1970, a saúde no Brasil tinha caráter exclusivamente privado e curativo. As estratégias de promoção e prevenção em saúde surgem no contato cotidiano de profissionais de saúde com a população nas comunidades. Em decorrência dessas práticas comunitárias e no contexto da mobilização de movimentos sociais para a redemocratização do país, vai ganhando força a proposta de um sistema público de saúde gratuito e acessível a toda população (BUSS et al., 2020). Essas práticas comunitárias tinham influência direta da pedagogia de Paulo Freire e, mais tarde, no campo da saúde, foram sistematizadas como Educação Popular em Saúde (EPS).

A Promoção da Saúde vai ao encontro da construção de metodologias que valorizem a participação popular e a interação de disciplinas diversas, tendo a conscientização como um processo imprescindível. Contudo, a promoção da saúde configura-se um campo que abrange diferentes abordagens e compreensões sobre a noção de promoção. Algumas se aproximam de uma visão mais associada à prevenção, definindo como referência o adoecimento, ou seja, a prevenção de doenças. Essa abordagem tem como ênfase a mudança de hábitos, numa perspectiva instrumental normativa, onde “aconselhamentos e educação sanitária adequada ao comportamento mais ‘saudável’ de indivíduos e grupos” (MENDES; FERNANDES; SACARDO, 2016, p. 192) seriam estratégias factíveis para a promoção de saúde. Essa forma de compreender a promoção de saúde ganha hegemonia durante o século XX e se referencia numa suposta neutralidade científica e na universalização das estratégias de promoção/prevenção. Outra abordagem dentro campo da promoção de saúde tem como referência uma visão que se aproxima mais dos princípios da psicologia comunitária, da educação popular e das metodologias participativas. Nela, a compreensão de que a saúde é determinada socialmente é imprescindível e está associada à ideia de que o contexto cultural,

histórico, político, econômico, entre outros marcadores sociais, afetam diretamente a saúde das pessoas. Nesta perspectiva, a promoção de saúde requer um posicionamento crítico e reflexivo que demanda construção de estratégias conjuntas com os sujeitos e comunidades, articulando saberes e práticas. Posicionamento ético-político muito similar da Psicologia Comunitária, lembrando que são reações contemporâneas e contra-hegemônicas, que fizeram (e ainda fazem) frente ao distanciamento entre os saberes acadêmicos e populares.

A transição entre esses paradigmas em saúde foi formalizada no documento resultante da Conferência Alma-Ata (1978). Mais tarde, quase 10 anos depois, na ocasião da I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, é promulgada a Carta de *Otawa* (1986) que afirma a importância da atenção básica para a promoção de saúde. Ambos documentos afirmam a importância do protagonismo das comunidades no processo de promoção de saúde, considerando sempre seus valores, história, cultura, crenças, tradições, contextos socioeconômicos e políticos (BRASIL, 2002). Essa abordagem ficou conhecida no cenário internacional como abordagem social e tem suas origens no contexto latino-americano. Na abordagem social, a iniquidade em saúde tem suas raízes nas desigualdades sociais⁶ e, por isso, a transformação dessas condições depende da mobilização coletiva de múltiplos sujeitos e saberes e do compromisso ético-político dos profissionais de saúde junto com as comunidades.

Seguindo o princípio de que teoria e prática necessariamente andam juntas na psicologia comunitária, a metodologia utilizada nas práticas de ensino e formação que serão compartilhadas mais adiante aparece mesclada à teoria que lhe serve de base. Contudo, cabe aqui pontuar que o referencial teórico-metodológico apresentado até aqui é atravessado pela perspectiva interseccional, contribuição importante do pensamento feminista negro, que considera as relações étnico-raciais e de gênero intrinsecamente indissociáveis. O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido pela intelectual afro estadunidense Kimberlé Crenshaw, ao analisar a importância do diálogo entre os marcadores sociais de raça e gênero na produção de desigualdades. Segundo a autora, além de indissociáveis, as dimensões raciais e de gênero são estruturais e estruturantes e, por isso, devem ser analisadas sempre no mesmo plano e não em planos sobrepostos ou concorrentes. Raça e gênero são determinantes sociais que

⁶ Apesar do avanço proposto pela abordagem social, ainda persiste o foco da análise das desigualdades nas classes sociais. Mais recentemente, com uma série de reivindicações dos movimentos negros e feministas organizados, tem havido uma mobilização maior na compreensão de que raça e gênero persistem como determinantes importantes, principalmente naqueles países que tem a escravização em sua história.

entrelaçados contribuem para produção de dinâmicas de subordinação em sistemas discriminatórios como o racismo, o patriarcado e a opressão de classe (op cit, 2002).

Uma das precursoras na defesa da leitura interseccional das relações entre raça e gênero, bell hooks, intelectual, escritora e feminista negra, dialoga com a obra de Paulo Freire em seu livro *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*, publicado em 1994. Conforme colocou no prefácio do livro, hooks utilizou o feminismo para tecer críticas à Freire e utilizou Freire para tecer críticas ao feminismo branco e burguês. A autora pontua a importância de Freire em sua obra e em seu processo de libertação enquanto mulher negra subalternizada. Para hooks, Paulo Freire afirmou a subjetividade das pessoas menos privilegiadas (op cit, 2017) em um momento em que o movimento feminista não dava a devida atenção às reivindicações e pautas levantadas pelas mulheres negras.

Ao abraçar a pedagogia de Freire como prática insurgente e libertadora e pontuar a urgência de um feminismo racializado, hooks acrescenta nova perspectiva à educação popular e à metodologia participativa, trazendo para o mesmo plano as desigualdades de classe (referência para Freire), raça e gênero. Em outras palavras, apresenta uma pedagogia interseccional onde a conscientização não é um fim em si e não se resume à opressão de classes, ela refere-se a um processo transformador, parafraseando Freire, que passa a ser efetiva quando se torna real, na prática, aquilo que já se sabe na consciência (HOOKS, 2017). Seguindo a orientação de Paulo Freire, as práticas compartilhadas neste texto estão associadas ao ensino e à formação profissional em psicologia comunitária simultaneamente e, sob recomendação de bell hooks, estas práticas partem de uma perspectiva teórico-metodológica interseccional.

3. FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA NA UFJ

Em fevereiro de 2020 as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de psicologia no Brasil foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e aguardam homologação do Ministério da Educação⁷. Essas novas diretrizes mantém a base generalista dos cursos de psicologia, organizados em um núcleo comum e com a oferta de, pelo menos, duas ênfases curriculares. As novas DCNs também reafirmam a necessidade de

7 Para ler o documento na íntegra acessar:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139201-pces1071-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192, acesso em 03 de novembro de 2020.

serviços-escola vinculados aos cursos para as práticas de formação profissional, integrando ensino, pesquisa e extensão. Na UFJ, o curso de psicologia foi criado em agosto de 2006 e teve seu ano letivo aberto no ano seguinte. Além das disciplinas de núcleo comum, o curso oferece disciplinas em três ênfases: Psicologia e Processos Clínicos, Psicologia e Processos Educativos e Psicologia e Processos Psicossociais (UFG, 2014a).

No Brasil, os estágios obrigatórios e não-obrigatórios são regulados pela Lei nº11.788/2008, que estabelece que essas duas modalidades sejam determinadas pelas diretrizes curriculares e pelo projeto pedagógico dos diferentes cursos. No curso de Psicologia da UFJ, os estágios obrigatórios são realizados a partir no oitavo período nas três ênfases descritas anteriormente (UFG, 2014b). Os estágios específicos são precedidos pelo estágio básico, quando a/o estudante desenvolve práticas de estágio nas três ênfases, muitas vezes simultaneamente. Em seguida, é escolhida uma das ênfases para cursar as disciplinas de estágio específico I e II, oferecidas respectivamente no nono e no décimo períodos.

Na UFJ a disciplina Psicologia e Comunidade existe desde a criação do curso como disciplina obrigatória vinculada à ênfase de Psicologia e Processos Psicossociais (UFG, 2014a). A disciplina é oferecida no nono período, concomitante à disciplina de estágio específico I da mesma ênfase. A disciplina de psicologia e comunidade é ofertada somente para as/os estudantes que optam pela ênfase de psicologia e processos psicossociais, o que, como foi dito anteriormente, ocorre no final do curso. As/os estudantes chegam ao estágio sem leitura acumulada sobre a psicologia comunitária e, comumente, sem uma discussão prévia sobre promoção de saúde no campo da psicologia.

O estágio na área de psicologia comunitária foi aberto em 2018, junto ao Centro de Atenção Psicossocial (Caps) de Jataí. Ele foi interrompido pela secretaria de saúde por não ter condições de oferecer supervisão de campo ao estágio no semestre seguinte⁸. Após tentativa frustrada de oferecer o estágio no Caps de Rio Verde, município vizinho à Jataí⁹, o estágio foi então redirecionado para o SPA do curso, que já abrigava ações de extensão em parceria com a Associação Conviver. A Associação reúne usuárias e usuários da rede de

8 Conforme informado pelo secretário de saúde, em audiência pública do Conselho Municipal de Saúde, realizada no dia 01.08.2018, a psicóloga responsável pela supervisão de campo foi demitida, juntamente com outros profissionais de saúde, à época, com a justificativa de falta de recursos para manutenção das/os funcionárias/os terceirizadas/os.

9 A gestora responsável pela raps de Rio Verde informou que as vagas para estágio na rede do município já estavam preenchidas.

atenção psicossocial (Raps) local e desenvolve projetos em parceria com o *InterAções* desde 2016.

Nesta mesma época foi concedida uma bolsa de estágio não obrigatório ao SPA, que foi vinculada à área de psicologia comunitária devido à orientação teórico-metodológica da professora gestora do serviço. O estágio obrigatório foi oferecido novamente em 2019 e em 2020, quando foi suspenso pela quarentena imposta pela pandemia de Covid-19. É uma experiência recente, contingenciada pelo contexto e em processo de construção.

3.1. Extensão e cultura

A primeira experiência de formação em psicologia social comunitária no SPA/UFJ se deu com o projeto de extensão *InterAções: Psicologia tecendo redes e saberes*¹⁰, criado em outubro de 2016, com o objetivo de promover atividades que incentivassem uma maior participação comunitária do e no serviço. O projeto pretendia transbordar os atendimentos clínicos, a orientação vocacional e os serviços prestados pela empresa Júnior, de recrutamento e seleção de recursos humanos, que o serviço abrigava. Além disso, que se tornasse por si um ambiente acolhedor não só para usuários e usuárias, mas também para estudantes, docentes e equipe do serviço (vigilância, secretaria, limpeza/manutenção e gestão)¹¹.

A articulação com a *Conviver* teve início com o projeto *InterAções* e foi se expandindo para outros projetos, tornando a parceria perene e ativa com esse coletivo, que passou a ocupar espaços do serviço de forma autogestionária, independente da presença ou atuação da equipe de estagiários e extensionistas.

O *InterAções* tinha como particularidade organizar ciclos temáticos semestrais que tinham como objetivo desenvolver projetos coletivos de interesse da comunidade e, ao mesmo tempo, promovesse a formação profissional das/os estudantes em Psicologia Social Comunitária. Os ciclos tinham como tema os determinantes sociais da saúde e culminavam em eventos públicos que conjugavam atividades formativas em educação popular e cultura

10 O *InterAções* foi idealizado pelas professoras Rita de Cássia Andrade Martins, à época coordenadora do SPA, e Elcimar Dias Pereira, à época professora substituta no curso de psicologia, e Nayra Daniane Mendonça, à época estudante prestes a concluir a graduação em psicologia.

11 Neste momento a equipe do serviço era composta por Elizangela Trigueiro (secretária), Gilva Maria de Oliveira Alves (responsável pela limpeza), Maria Lucia Batista dos Santos e Abel (responsáveis pela portaria e vigilância diurna), Alon Deon Ferreira da Silva e José Carlos da Conceição (responsáveis pela portaria e vigilância noturna) e Rita de Cássia Andrade Martins (coordenadora do SPA). No final de 2017 passou a compor a equipe Ana Danielly Fernandes da Silva (psicóloga e responsável técnica do SPA).

abertas ao público em geral. Em seus quatro anos de atuação, o projeto realizou cinco ciclos entre os anos de 2016 e 2019. O ciclo inaugural teve como tema *Processo de envelhecimento e perspectivas de cuidado e atenção à pessoa idosa* (out/2016 a jan/2017), o segundo ciclo: *Luta Antimanicomial: por uma sociedade sem manicômios* (dez/2016 a jun/2017), o terceiro ciclo *Saúde Mental e Racismo* (ago/2017 a nov/2017), o quarto ciclo *Saúde Mental e Gênero* (fev/2018 a jun/2018) e o quinto e último ciclo *A saúde que temos e o SUS que queremos* (ago/2018 a fev/2019).

Para uma melhor compreensão de como o projeto se desenvolvia no cotidiano, segue um breve relato do segundo ciclo¹², quando teve início a parceria com a Associação Conviver. O ciclo teve como tema a luta antimanicomial e surgiu do convite de uma psicóloga¹³ da Raps para uma reunião com a associação de usuários e usuárias da rede. Aceito o convite, a coordenadora do projeto participou da assembleia da Conviver e teve a oportunidade de apresentar o projeto de extensão, o coletivo acolheu de pronto o *InterAções*. Nesta ocasião surge a ideia do projeto apoiar a Associação no processo de organização das comemorações do 18 de maio, data que homenageia a Luta Antimanicomial.

O ciclo foi planejado, tecido e desenvolvido coletivamente. Além da associação, juntaram-se à equipe do *InterAções*, à época composta por professoras e alunas de psicologia, estudantes dos cursos de enfermagem e direito, além de voluntárias/os da cidade. De dezembro de 2016 a junho de 2017 houve reuniões semanais com a Associação Conviver no Centro de Convivência da Raps, que se localizava num clube esportivo da cidade. Foi definido pelo grupo que o ciclo teria encerramento numa semana inteira de atividades alusivas à luta antimanicomial. Além das reuniões de equipe e grupos de estudos, algumas atividades preparatórias ocorreram no SPA, mas o evento final ganhou uma dimensão que superou o clima intimista do serviço. Desta forma, o evento ocupou o pátio central de um dos campi da então regional e a semana se encerrou em praça pública com shows de artistas locais e um ato público de apoio à rede de saúde mental do município¹⁴.

Após o ciclo, as reuniões com o coletivo permaneceram acontecendo para avaliação e conclusão da sistematização da interferência comunitária. O *InterAções* prevê que os ciclos se desdobrem em projetos comunitários. Desta forma, com o fechamento do Centro

12 Este ciclo é apresentado detalhadamente e analisado em Martins (2019).

13 Letícia Cabral Leles, atualmente psicóloga na Raps de Pomerode-SC.

14 Para ver o vídeo de cobertura do evento pela TV local acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=yvm-aO0wHaM>, acesso em 03 de novembro de 2020.

de Convivência em 2017, as reuniões semanais da Conviver passaram a acontecer no SPA e a parceria com a Associação tornou-se cada vez mais perene. Em novembro de 2017, foi criada uma equipe de assessoria formada por professores e estudantes de direito e de psicologia. O trabalho então passa a ter como foco a reabertura do Centro de Convivência, a reestruturação do estatuto da Associação e a reorganização da direção do coletivo. Além disso, o grupo demandou apoio para organização de seu processo produtivo e comercialização de seus produtos, o que tem sido feito a partir da economia solidária¹⁵.

3.2. Primeiros passos para o estágio obrigatório em PSC no SPA/UFJ

O curso de psicologia começou a oferecer estágio na área de psicologia comunitária em 2018, junto ao centro de atenção psicossocial do município. A proposta inicial do estágio era desenvolver atividades de reabilitação psicossocial e inclusão produtiva, por meio da economia solidária, com os usuários e usuárias do Caps. De um semestre para o outro as/os estudantes ficaram sem supervisora de campo, o que impediu a continuidade do estágio. Depois de tentativas sem sucesso de desenvolver o estágio na Raps e pressionadas pelo cronograma do estágio, a decisão foi fazer o estágio no SPA com a Associação Conviver. O grupo já era conhecido das estagiárias e da supervisora, tendo em vista que frequentavam o Caps e participavam do *InterAções*¹⁶. Com a mudança, a equipe de estagiários¹⁷, que era composta por duas estudantes e 1 estudante, perdeu um de seus componentes, que decidiu migrar para outro campo de estágio, frustrado com a mudança.

Em assembleia, a associação acolheu o pedido de abertura de campo de estágio e a dupla de estudantes passou a frequentar suas reuniões às terças. Durante o estágio é definida a organização de um grupo de produção artesanal, que se reuniu até o início da pandemia, às sextas, na área de serviço do SPA.

Tendo como referências a metodologia participante e os princípios da psicologia comunitária, as estudantes acolhidas pelo grupo incentivavam coletivizar as discussões e decisões, não só na produção dos artesanatos, mas também e na organização da barraca da

15 Cabe citar parceria que a equipe de assessoria era composta por integrantes do projeto *InterAções*, sob supervisão da prof^a Rita de Cássia Andrade Martins (Psicologia/UFJ), e do Núcleo de Assessoria Jurídica Popular da UFJ, sob supervisão do prof Diego Diehl (Direito/UFJ).

16 Nesta época, Larissa Garcia Terra trabalhava com a Conviver como extensionista do *InterAções*.

17 A equipe de estagiários era composta por Aline Vitória Pereira Rocha, Helida Costa Coutinho e Matheus Ruffing França. Para mais detalhes sobre o estágio ver: Rocha; Coutinho (2018).

Conviver na feira pública e nas vendas de artesanato por consignação no comércio local¹⁸. Concomitante ao estágio, as estudantes cursaram, no primeiro semestre, a disciplina Psicologia e Comunidade e, no segundo semestre, a disciplina de tópicos especiais em psicologia e processos psicossociais, com o tema saúde mental e atenção psicossocial, ministrada pela mesma docente e supervisora da dupla no estágio.

No segundo semestre de 2018, o SPA consegue uma bolsa de estágio não-obrigatório, que é desenvolvido nas dependências da universidade e não conta como créditos de uma disciplina de estágio¹⁹.

O plano de trabalho foi construído em parceria pelas autoras deste artigo e ficou conhecido como *Ações integradas para promoção de saúde mental no ambiente universitário*” ou, como costumávamos chamar no dia a dia: *Programa de Promoção de Saúde Mental*. O plano teve como inspiração o projeto de extensão *InterAções* e foi impulsionado pelo contexto de crescente adoecimento psíquico que, a partir da escuta no acolhimento e nos plantões do SPA, apareciam recorrentemente associados a violências raciais e de gênero.

No ano seguinte, em 2019, o estágio obrigatório em Psicologia Comunitária seguiu em duas frentes: 1) ações de apoio psicossocial à Associação Conviver e, 2) Ações integradas de promoção à saúde mental no ambiente universitário, consolidando-se aos poucos como campo de estágio dentro do curso de psicologia da recém-emancipada UFJ.

Na disciplina de Psicologia e Comunidade, que era ministrada concomitantemente às práticas de estágio, havia também articulação entre teoria e prática, envolvendo as/os estudantes que cursavam a disciplina em projetos que tinham diálogo as ações integradas de promoção de saúde mental.

4. PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Nesta seção serão detalhadas algumas ações de promoção de saúde mental no ambiente universitário, desenvolvidas no estágio não-obrigatório desenvolvido no segundo semestre de 2018 e no estágio obrigatório desenvolvido durante o ano de 2019. Teve como

¹⁸ Com término do estágio, o vínculo com o grupo era tão grande que as estagiárias continuaram fazendo parte do coletivo de forma voluntária.

¹⁹ A professora autora deste artigo orientou o estágio, a psicóloga responsável técnica pelo SPA, coautora deste artigo atuou como supervisora de campo, e a psicóloga, coautora deste artigo, foi a primeira estagiária desta área no SPA. Para mais detalhes sobre este estágio não-obrigatório ver: Rocha (2018).

inspiração o projeto de extensão *InterAções*, seguindo seu referencial teórico-prático e se articulou à área da promoção da saúde. Além disso, a proposta teve grande influência do cenário de adoecimento psíquico crescente que tomava o ambiente da regional Jataí que se encontrava em processo de emancipação.

A equipe teria como desafio pensar acerca da saúde mental da comunidade universitária, não só discentes e docentes, mas também terceirizadas/os e técnicas/os administrativos. Este desafio desdobrou-se em um segundo desafio: a equipe foi estimulada a pensar em estratégias de cuidado e promoção de saúde mental para esta comunidade. Algumas das experiências desenvolvidas por estagiárias/os e extensionistas em psicologia comunitária e saúde serão compartilhadas aqui.

4.1. Estágio não-obrigatório²⁰

As primeiras atividades desenvolvidas durante o estágio tiveram objetivo de se conhecer o funcionamento do serviço e se apropriar dos referenciais teórico-metodológicos utilizadas pela orientadora e pela supervisora. A estagiária²¹ estava no oitavo período da graduação em Psicologia e ainda não havia tido contato com a Psicologia Social Comunitária no curso. Durante as supervisões e discussões, a estagiária era incentivada a construir seu plano de trabalho mesclando as atividades que faziam parte da rotina do SPA àquelas que seriam criadas em equipe durante o decorrer do estágio, junto aos interesses e à trajetória da estudante. Naquele momento já havia interesse da orientadora e da supervisora de desenvolver ações voltadas à promoção de saúde mental com a comunidade universitária.

Com vistas a se familiarizar com o campo de estágio e conhecer melhor quem eram as/os usuárias/os do SPA, uma das primeiras atividades foi organizar os dados produzidos pelo serviço, desde sua fundação em 2010. Os dados passariam por uma análise preliminar e posteriormente seriam compilados para sistematização de um banco de dados que poderia subsidiar a gestão do serviço e também a produção científica. Esse levantamento permitiu à equipe constatar que havia um número significativo de pessoas da comunidade universitária com sofrimento mental no conjunto de usuárias/os do serviço. A estagiária

20 Foram realizadas as seguintes atividades ao longo do estágio: Acolhimentos/triagens, Programa de Promoção a Saúde; Intervenção Comunitária: O Novembro Negro; Capacitação sobre Registro Documental e Psicológicos; Apresentação do SPA à comunidade interna; Banco de dados e Pesquisa sobre o adoecimento psíquico na universidade; e Oficina sobre metodologia feminista.

21 Izabela Assis Rocha, psicóloga, mestranda do programa de pós-graduação em psicologia da UFG, co-autora neste artigo.

participou com a supervisora do acolhimento de novas/os usuárias/os ao serviço, o que lhes permitiu acesso à escuta de pessoas que compunham a comunidade universitária.

Com o resultado da análise preliminar em mãos e tendo como norte a promoção de saúde mental, foram desenhadas três propostas de interferência comunitária: 1) um grupo para estudantes, conduzido pela estagiária e uma psicóloga integrante do projeto *InterAções*; 2) um grupo exclusivo para mulheres, intitulado *Grupo de Mulheres para Mulheres*; e 3) uma intervenção feminista nos campi da universidade através de cartazes com trechos de poemas que tratavam de questões como violência contra mulher, machismo, entre outras. Além dessas iniciativas surgiu, em decorrência de demanda advinda da comunidade externa, um convite para que o SPA integrasse a organização do *Novembro Negro de Jataí*, o que desencadeou realização do evento *AfroAfetos*.

O grupo de promoção de saúde mental com os estudantes surgiu com o intuito de fomentar o autocuidado na comunidade interna da universidade devido ao aumento do número de discentes em sofrimento psíquico. Dessa forma, a proposta foi oferecer espaços terapêuticos, para além da escuta clínica, integrando práticas de relaxamento e dança em parceria com estudantes do curso de educação física. Durante os encontros estudantes de diferentes cursos compartilharam situações que lhes causavam ansiedade como a escrita de monografias e a exigência por produtividade. Relataram que após os encontros se sentiam mais relaxadas/os as práticas corporais e os exercícios respiratórios aliados à experiência de compartilhar vivências de sofrimento e angústia na universidade.

O *Grupo de Mulheres para Mulheres* foi idealizado para tratar de questões femininas com mulheres da comunidade interna da universidade, tendo em vista que havia uma série de denúncias de caso de estupro e assédio nos campi. A psicóloga do SPA havia acolhido algumas mulheres que estavam envolvidas na denúncia de um caso de estupro de uma aluna por um professor. A estagiária também participava ativamente de ações feministas na universidade. A estratégia para mobilização do grupo foi criar um cartaz e divulgar pelos campi e através de meios de comunicação institucional. Contudo, nos dias reservados para os encontros, não apareceu nenhuma mulher. A equipe do serviço avaliou na época que não houve procura porque a divulgação do local e hora de encontro do grupo poderia expor ainda mais mulheres que viessem a participar dos encontros naquele contexto. O fato do grupo não ter acontecido, fez da experiência uma oportunidade para reflexão da equipe sobre o

planejamento das atividades e o cuidado com a comunidade participante, em todas as suas etapas, inclusive na divulgação que, neste caso, foi o contato inicial com a comunidade.

A partir daí buscou-se outras formas de tratar de questões feministas junto à comunidade universitária, entendendo que trazer à tona temas dessa natureza poderia contribuir com a promoção de saúde da comunidade. Surgiu então a ideia de uma intervenção feminista por meio de uma interferência cultural. Para isso, foram selecionados trechos ou poemas completos do livro *O que o sol faz com as flores* (2018), da poetisa indiana Rupi Kaur. Suas poesias versam sobre sexualidade, direito de mulheres, violência de gênero, racismo e outras temáticas sobre a identidade feminina. A assessoria de comunicação da universidade se disponibilizou a providenciar a impressão dos cartazes. Os cartazes foram colados nos campi e no SPA em locais estratégicos e, algumas vezes, inusitados, como nos bebedouros e dentro dos banheiros, em frente aos sanitários. Foi possível acompanhar postagens em redes sociais de estudantes da universidade que tiraram fotos dos cartazes com comentários sobre as poesias e a identificação com o que elas traziam como conteúdo. Optou-se por não incluir identificação da autoria do projeto nos cartazes, apenas constava a poesia e o nome da autora do poema.

A terceira ação foi a realização do *Afroafetos*, que surgiu em decorrência da participação do SPA na organização do *Novembro Negro*, mobilização comunitária²² em homenagem ao mês da Consciência Negra. O processo de construção da agenda coletiva ocorreu por meio de reuniões com representantes das organizações no Museu Histórico de Jataí. Nessas reuniões eram decididas e articuladas as estratégias de divulgação e realização dos eventos, a fim de construir uma agenda comunitária que integrasse os diferentes eventos ocorridos na cidade durante o mês de novembro.

O *Afroafetos*²³ foi realizado pelo SPA com a participação de estudantes voluntárias/os. Foram dois dias de programação, que contou com uma exposição fotográfica que reunia imagens de pessoas negras em cenários afetuosos, eram fotos de familiares, amigas/os e parentes de pessoas da organização do evento. A exposição foi feita na garagem do SPA, de forma que chamasse atenção de quem passasse na rua ou transitasse pelo serviço.

22 As organizações participantes foram: Coletivo Negro e Indígena de Jataí- Afrontaí; Comunidade Quilombo do Cedro; Associação dos Amigos do Museu; Colégio da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro; Instituto Federal de Goiás/Campus Jataí;

23O vídeo produzido pela Tv Jataí na cobertura do evento pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=-g7-equC7Qg>

Além disso, na exposição também havia uma poesia de Nayra Daniane Mendonça²⁴, bordada em tecido por Aline Vitória Pereira, psicólogas ex-estudantes da UFJ.

No primeiro dia foi exibido o curta metragem *O Dia de Jerusa* (2014), da cineasta Viviane Ferreira²⁵, que acompanha o encontro de duas mulheres negras de diferentes gerações; e a oficina de confecção de bonecas *abayomis*, criadas pelas mães africanas escravizadas para acalantar suas/seus filhas/os no deslocamento da África ao Brasil. Durante a oficina, participantes compartilharam algumas de suas vivências, como o processo de se auto declarar pessoas negras, assumir o cabelo afro e enfrentar o racismo cotidianamente em suas relações consigo mesmas e com os outros. As ações desenvolvidas no plano do estágio envolviam conscientização, na medida em que estavam atreladas a lutas antirracistas e antissexistas, e também envolviam afeto e acolhimento, numa articulação nítida entre psicologia social comunitária e promoção da saúde.

4.2. Estágio obrigatório²⁶

Dentro do plano, duas ações desenvolvidas neste estágio merecem destaque, *Cine Calouros* e o *I Ciclo de oficinas de Autocuidado para Estudantes da UFJ*. A primeira delas foi desenvolvida ao longo do ano de 2019 e tinha como objetivo criar uma rede de apoio para estudantes de psicologia que iniciaram o curso naquele ano. A segunda aconteceu no segundo

²⁴ Dentes brancos cerrados
Arregalam sorrisos
Das mãos que envolvem outros corpos no abraço
Nos braços que a duras penas lhe fez fé
Da pele escura que carrega ombros açoitados
Rebola e ciranda para ser força
As histórias centenárias que buscam o vigor da criança
E embalam como canções de ninar da chupeta à bengala
É retrato na parede
Silva, Oliveira, Santos, Pereira, tantos
A bravura que resiste ao incerto
AfroAfetos
N.D.M.

²⁵ *O Dia de Jerusa*. Direção de Viviane Ferreira e Produção de Elcimar Dias Pereira. São Paulo: Odum: Formação e Produção. 2014. 1 vídeo (20m.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ>

²⁶ Havia uma equipe de duas estagiárias e 1 estagiário. Uma das estagiárias, que já atuava como extensionista junto a *Conviver*, permaneceu com o grupo durante o estágio obrigatório. A outra estagiária e o estagiário optaram pelo trabalho junto ao SPA. Durante o estágio no SPA, o casal de estagiários desenvolveu também as seguintes atividades: Acolhimento de novos usuários do SPA e de novos estagiários do SPA, Plantão Psicológico, *Cine Calouros*, e organização de eventos (Palestra sobre atendimento psicológico a pessoas com ideações suicidas e o *I Ciclo de oficinas de Autocuidado para Estudantes da UFJ*). Para mais detalhes sobre as atividades ver: Terra (2019) e Altino; Souza (2019).

semestre de 2019, quando foram realizadas oficinas para incentivar o autocuidado, inspiradas na experiência desenvolvidas no estágio não-obrigatório.

O *Cine Calouros* foi inspirado em um projeto o qual a estagiária²⁷ e o estagiário²⁸ haviam vivenciado quando ingressaram no curso de Psicologia da UFJ. A atividade consistia na exibição de um filme com posterior abertura ao diálogo e trocas entre as/os calouras/os. A primeira iniciativa foi escrever uma proposta de intervenção que consistia em definir como seria desenvolvido o projeto. A proposta trouxe uma configuração semelhante ao projeto em que a dupla de estagiários participou no início de suas graduações em psicologia, consistindo na apresentação de um filme e, logo em seguida, uma roda de conversa.

Tendo em vista que a atividade deveria ser uma ação de promoção de saúde mental, a dupla selecionou filmes que julgavam ser de interesse da comunidade estudantil e que tratassem de temáticas que incentivassem a criação e o fortalecimento de vínculos no grupo. Conforme apresentado na seção anterior, havia um contexto de adoecimento psíquico entre estudantes que era evidente, principalmente para quem trabalhava no SPA. Por isso, o projeto reforçou a ideia de um grupo que acompanhasse o primeiro ano das/os ingressantes, com a expectativa de promoção de saúde mental e, conseqüentemente, de prevenção do adoecimento psíquico.

A divulgação foi realizada durante a *II CALOPSI*, evento realizado pelo centro acadêmico do curso de psicologia para recepcionar as/os estudantes recém-chegadas/os na universidade. Os encontros foram realizados quinzenalmente e no início começaram com a exibição de filmes propostos pela dupla de estagiários. Com o tempo, não só a escolha dos filmes e suas temáticas foram sofrendo interferência do coletivo, que passou a aderir a algumas dinâmicas para trabalho em grupo. O *Cine Calouros* proporcionou espaço de escuta e acolhimento, permitindo que, a cada encontro, viessem à tona sentimentos e afetos relativos às expectativas e inseguranças que surgiam com a entrada na universidade. Apareciam, também, assuntos relacionados às relações familiares, padrões de beleza, autoestima, entre outros temas importantes para aquele grupo.

Inicialmente, a dupla de estagiários demonstrou insegurança em lidar com o grupo e suas dinâmicas, pela inexperiência em relação ao manejo grupal. Os encontros iniciais foram planejados de acordo com o cronograma e atividades preestabelecidas e, à medida que

27 Wellyta Ribeiro de Souza.

28 Felipe Magela Coelho Antino.

acontecia a interação entre as/os estudantes, percebeu-se a necessidade de se abrir espaço para questões específicas trazidas pelo coletivo (sexualidade, racismo, luto, etc.) e, para isso, lançou-se mão do uso de dinâmicas que fomentassem a exploração dos conteúdos emergentes nos encontros anteriores.

As/os estagiárias/os perceberam que, no primeiro semestre de 2019, as/os estudantes que participaram das atividades demonstraram certa resistência no desenvolvimento de atividades que envolviam dinâmicas grupais, pela ausência do vínculo com as/os estagiárias/os naquele momento. Contudo, com o passar dos encontros, o vínculo entre as/os integrantes do grupo aumentava e lhes permitia maior cumplicidade e compromisso com o coletivo. No semestre seguinte o coletivo formado a partir dos encontros realizados no primeiro semestre demandou que o projeto continuasse. O grupo permaneceu coeso durante todo o ano de 2019, com pouca variação no número de participantes. Ao final de cada semestre as/os estudantes que compareceram, no mínimo, a três encontros receberam certificado de participação no grupo.

No segundo semestre de 2019, no âmbito do mesmo estágio foi desenvolvido o *I Ciclo de oficinas de Autocuidado para Estudantes da UFJ*. A atividade foi pensada a partir da constatação de que ao longo do curso haviam poucas atividades voltadas para promoção de saúde e autocuidado como formas de atuação da psicologia. A proposta foi realizar oficinas mensais com temáticas e abordagens variadas, que confluíssem processos de cuidado e conscientização. Optou-se por convidar professoras/es do próprio corpo docente do curso de Psicologia. O ciclo ganhou a seguinte configuração: oficina 1: Espaço do cuidado - Meditação como Prática Integrativa em Saúde²⁹; Oficina 2: O Autocuidado como Ação de Resistência³⁰; e Oficina 3: Relações de Poder na Universidade³¹.

A participação no evento se deu por meio de inscrições via Formulário *Google* e a divulgação ocorreu por meio das mídias sociais. A atividade do *Cine Calouros* e o *I Ciclo de oficinas de Autocuidado para Estudantes da UFJ* foram avaliadas por meio de um instrumento criado para tal finalidade.

A primeira oficina foi intitulada como *Espaço do Cuidado: meditação como Prática Integrativa em Saúde*. A professora facilitadora da atividade solicitou previamente

29 Ministrada pela Prof^a Dr^a. Luciana Oliveira dos Santos.

30 Ministrada pela Prof^a Dr^a Grazielle Alves Amaral.

31 Ministrada pelo Prof. Dr. Érico Douglas Vieira.

que os participantes levassem alguma canga ou tapete para meditação. A oficina propôs a prática da meditação por meio de exercícios de respiração e de atenção. Foram apresentadas pela professora várias técnicas de meditação que as/os participantes tiveram a oportunidade experienciar com a condução da professora.

A segunda oficina foi intitulada como *O Autocuidado como Ação de Resistência*. O objetivo foi conduzir as/os participantes a autorreflexão acerca de suas vidas acadêmicas, trazendo para a roda de conversa assuntos como, por exemplo, os motivos pelos quais escolheram o curso de psicologia e o tipo de profissional que as/os envolvidas/os gostariam de se tornar. Por fim, todas/os foram convidadas/os a refletir sobre as disputas e cobranças que acontecem entre os pares no contexto da universidade. A quantidade de participantes não foi expressiva, no entanto, a oficina chamou atenção justamente por permitir que os presentes pensassem a respeito de assuntos pertinentes ao cotidiano de cada um.

A última oficina intitulada como *Relações de Poder na Universidade* também teve uma quantidade pequena de participantes. As atividades giraram em torno de conversas acerca de aspectos da universidade ligados à hierarquia, a partir das vivências que as/os participantes compartilharam como grupo. À medida que os temas iam emergindo, o professor lançava mão de dinâmicas que incentivavam o debate. Tanto o *Cine Calouros* quanto o ciclo de oficinas de autocuidado congregaram acolhimento e conscientização, guiadas pelos princípios da educação popular e da psicologia comunitária.

5. DISCUSSÃO

A integração de estudantes na equipe do serviço trouxe uma dinâmica diferenciada para a gestão do SPA que refletiu diretamente na relação entre a equipe e o corpo discente, por exemplo. A equipe passou a ser composta por representantes de cada uma das categorias que compõem a comunidade universitária, o que permitiu um contato diferenciado entre os grupos e uma maior sensibilidade para compreender as necessidades e condições a que cada uma delas está submetida, marcada por desigualdades gritantes. Havia também algumas queixas direcionadas a regras e normas seguidas pelo serviço que, muitas vezes, advinham de resoluções técnicas do conselho federal ou regional de psicologia. A participação de estudantes, no contato direto com estagiários de outras ênfases e na orientação dessas/es alunas/os, permitiu uma maior implicação e compreensão daquele espaço como

ambiente de ensino e de formação profissional. Também houve a oportunidade bastante rica de participação na gestão de um serviço de saúde mental e de vivenciar o trabalho em equipe.

Como as pessoas da equipe compunham a comunidade universitária, resguardadas as suas diferenças e condições neste contexto, se tornou ainda mais interessante a proposta de criarmos ações de promoção de saúde mental para aquela comunidade. Tratava-se de nossa comunidade, com todas as implicações, problemáticas e desafios que esse pertencimento nos impunha.

Conforme mostramos nos relatos desta seção, todas as experiências mesclavam conscientização, mas sem desconectarmos da dimensão subjetiva dos sujeitos envolvidos em cada ação. As oficinas de autocuidado associaram cuidado de si à política, afirmando a importância do autocuidado como forma de resistência e compromisso consigo e com a comunidade. A intervenção feminista levou aos campi, por meio da poesia, convites para reflexão sobre as violências sofridas por mulheres no mundo, mas também aqui em nossa comunidade, nas salas de aula, na relação entre as categorias discente, docente, terceirizadas e técnicas, mantendo o elo entre o íntimo e o político.

A participação do SPA nos preparativos para o *Novembro Negro* e na realização do *AfroAfetos* ativou a compreensão de que o serviço-escola é um equipamento público de atenção psicossocial. Além disso, o SPA é um equipamento comunitário, em decorrência disso, torna o compromisso ético político do serviço com a comunidade mais evidente como, neste exemplo, no engajamento nas lutas de enfrentamento ao racismo.

Nos grupos com as/os calouras/os, a experiência afirma o compromisso das/os estudantes mais antigos com àquelas/es recém-chegadas/os à comunidade, muitas vezes vindas/os de longe e de realidades completamente diferentes. Nesses grupos, o processo de conscientização se deu de forma afetuosa e acolhedora, evidenciando que ações de cuidado e promoção de saúde também são ações políticas e de compromisso ético da psicologia enquanto ciência e profissão.

A apropriação do SPA pelas/os usuárias/os da rede de saúde mental também se mostrou eficaz na desconstrução de preconceitos acerca do adoecimento psíquico e da alienação atribuída à loucura. Ao circularem pelo serviço, ocupando seus espaços vazios ou subutilizados, reservando salas para suas reuniões e assembleias, participando de eventos acadêmicos e atividades culturais oferecidos pelo SPA, espalhando as mudas de plantas enfeitadas com seus cachepôs artesanais na recepção, na cozinha, na secretaria, interferiram

na dinâmica do espaço, provocando mudanças não só estéticas como também organizacionais. O bate-papo antes ou depois das reuniões com o guardião ou a guardiã de plantão, a troca de técnicas artesanais entre a guardiã, a secretária e as artesãs e artesãos da *Conviver*, no cotidiano do serviço, foi transformadora em diferentes sentidos, valorizando diferentes saberes e incentivando trocas que construíssem novas formas de se circunscrição das práticas de estágio e extensão em psicologia, mostra viva dos princípios que regem a psicologia comunitária.

Por fim, cabe pontuar a importância de trazer à baila a promoção de saúde mental como campo rico para a psicologia, de forma geral, e para psicologia comunitária, particularmente. A promoção de saúde traz consigo uma perspectiva crítica dando destaque à determinação social da saúde. Por isso, para se promover saúde, é preciso ir mais além da prescrição de mudanças de hábitos por meio de panfletos ou cartilhas, é preciso levar em consideração processos históricos que estão nas raízes das desigualdades sociais e iniquidades em saúde.

O estudo dos determinantes sociais numa perspectiva interseccional trouxe à equipe um olhar diferenciado para os processos psicossociais que envolvem as relações no ambiente universitário, oportunizou o exercício dialético entre o saber e o fazer, tornando as experiências em promoção de saúde mental mais engajadas com o enfrentamento dessas iniquidades e desigualdades sociais no contexto universitário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de espaço de produção científica, a universidade é ambiente de trabalho para diferentes categorias (docentes, técnicas/os administrativas/os e trabalhadoras/es terceirizadas/os, estudantes), é espaço de mobilização e conflitos políticos. A universidade é construção coletiva imersa em disputas e contradições. A universidade é uma comunidade que está inserida em um território e acaba, muitas vezes, refletindo suas desigualdades e opressões, que se desdobram em adoecimento físico e mental.

Como em outras comunidades, na universidade comumente emergem coletivos que reivindicam reconhecimento e transformação social, mas que, numa perspectiva psicossocial, podem ser lidos como espaços coletivos de elaboração de sofrimentos advindos de experiências discriminatórias provenientes das mais diversas formas de opressão. Esses coletivos se tornam espaços privilegiados para trocas, conscientização e formação de redes de

apoio e solidariedade que, muitas vezes, se tornam perenes acompanhando as trajetórias dos sujeitos ao longo de suas vidas.

A universidade compreendida como comunidade é ambiente que reproduz conflitos e desigualdades, mas também espaço em que emergem experiências, nas mais diversas áreas, de resistência e enfrentamento de iniquidades, injustiças sociais e opressões. As experiências de estágio aqui compartilhadas estão inseridas neste contexto e, por isso, trazem em si as problemáticas que envolvem o ambiente universitário. Essas experiências são processos de ensino e formação em psicologia comunitária e, simultaneamente, são interferências comunitárias que convidam o serviço-escola a se reposicionar como espaço formativo dentro da comunidade universitária e a se reposicionar como serviço que atua nos cuidados em saúde mental, tanto da comunidade universitária, quanto na comunidade a que a universidade está inserida. Este reposicionamento do serviço-escola subverte também o campo do cuidado, atribuindo a promoção da saúde à psicologia tanto como ciência, quanto como profissão.

6. REFERÊNCIAS

ALTINO, F. M.C; SOUZA, W, R. **Relatório Final do Estágio Curricular Obrigatório em Psicologia e Processos Psicossociais II** (relatório). Área: Psicologia Comunitária e Saúde. Unidade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2019

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE SAÚDE. PROJETO PROMOÇÃO DA SAÚDE. **As Cartas da Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf, acesso em 03 de novembro de 2020.

BUSS, P.; HARTZ, Z.; PINTO, L. F.; ROCHA, C. M. F. Promoção da saúde e qualidade de vida: Uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). **Cien Saude Colet** (2020/Mai).

Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/promocao-da-saude-e-qualidade-de-vida-uma-perspectiva-historica-ao-longo-dos-ultimos-40-anos-19802020/17595?id=17595>, acesso em 03 de novembro de 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação racial Relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Ano 10, nº1, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2002000100011&lng=es&nrm=iso&tlng=pt, acesso em 03 de novembro de 2020.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREITAS, M. F. Q. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicol. Reflex. Crit.** (Porto Alegre), 11(1), 175-189. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000100011&script=sci_abstract&tlng=pt, acesso em 04 de novembro de 2020.

_____. **Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas.** In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 370-386. 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-24.pdf>, acesso em 04 de novembro de 2020.

_____. Desafios éticos na prática em comunidade: (Des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 10(2), 244-261. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200002&lng=pt&nrm=iso, acesso em 04 de novembro de 2020.

_____. Desafios atuais e antigas sutilezas nas práticas da psicologia social comunitária. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, 6(1), 131-163. 2016. Disponível em <http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia>, acesso em 03 de novembro de 2020.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GUZZO, R. **A quem a psicologia serve?** Sobre a importância da psicologia comunitária. In. XIMENES, V.; SARRIERA, J. C.; BONFIM, Z. A. C. (orgs). *Psicologia Comunitária no mundo atual: desafios, limites e fazeres.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências.** (Série Monitoramento e Avaliação, 2). 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/168/publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf, acesso em 04 de novembro de 2020.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2017.

MARTIN-BARO, I. O papel do Psicólogo. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 2, n. 1, pág. 7-27, junho de 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf>, acesso em 03 de novembro de 2020.

MARTINS, R. C. A. **Interações entre Psicologia Social Comunitária, Saúde Mental e Atenção Psicossocial.** In. BORZUK, C. S.; MARTINS, R. C. A. (orgs). *Psicologia e Processos Psicossociais: teoria, pesquisa e extensão.* Goiânia: Ed UFG, 2019.

MENDES, R.; FERNANDEZ, J. C. A.; SACARDO, D. P. Promoção da saúde e participação: abordagens e indagações. **Saúde debate** | Rio de Janeiro, v. 40, n. 108, p. 190-203, jan-mar 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v40n108/0103-1104-sdeb-40-108-00190.pdf>, acesso em 04 de novembro de 2020.

MONTEIRO, M. **Construcción, Desconstrucción y Crítica: teoria e sentido de la psicología social comunitaria en América Latina**. In. CAMPOS, R. H. F.; GUARESCHI, P. A. (org.) Paradigmas em Psicologia Social. A perspectiva latinoamericana. Petrópolis: Vozes, 2000, p.67.

ROCHA, A. V. P.; COUTINHO, H. C. **Relatório Final** (relatório). Relatório do Estágio Curricular Obrigatório em Psicologia e Processos Psicossociais II. Área: Psicologia Comunitária e Saúde. Unidade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2018.

ROCHA, I. A. **Relatório final do Estágio não-obrigatório em Psicologia Comunitária e Saúde no Serviço de Psicologia Aplicada da UFG/Regional Jataí** (relatório). Unidade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2018.

TERRA, L. G. **Relatório Final do Estágio Curricular Obrigatório em Psicologia e Processos Psicossociais II** (relatório). Área: Psicologia Comunitária e Saúde. Unidade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL JATAÍ. Coordenação de Psicologia. **Projeto Político-Pedagógico do curso de Graduação em Psicologia**. Jataí, 2014a. Disponível em: https://psicologia.jatai.ufg.br/up/166/o/PPC_Psicologia_-_agosto_2014_doc.pdf, acesso em 03 de novembro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL JATAÍ. **Orientações e normas sobre o estágio curricular para estudantes do curso de bacharelado em psicologia** Coordenação de Psicologia. Jataí, 2014b. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1138/o/Regulamento_de_Est%C3%A1gio_Psicologia.pdf, acesso em 03 de novembro de 2020.

XIMENES, V. M.; VIEIRA, E. M. **Atividade comunitária e conscientização: uma investigação a partir da participação social**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.36, p.91-112, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n36/n36a06.pdf>, acesso em 04 de novembro de 2020.